



## Uma mulher vestida de sol: Medeia e a virgem-mãe Maria

A Woman Clothed with the Sun: Medea and the Virgin

Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa\*

**Resumo:** Abordaremos neste artigo dois mitos opostos e complementares: o da mãe filicida e o da virgem-mãe, a partir da observação da primazia de reescritas recuperadoras do mito de Medeia na literatura brasileira e do gosto popular e literário pelo mito bíblico da virgem-mãe. Paradoxos em si, ambos os mitos mostram, no mundo masculino, o absurdo do feminino americano, a saber, a figura daquela que gera e mata e daquela que gera do nada de modo a gerar um curto-circuito conceitual. A virgem-mãe é “Senhora destes povos tão sofridos/Patrona dos pequenos e oprimidos”. Medeia, como mãe, vê o estorvo que são os filhos e elimina-os de sua trajetória. Em ambas as abordagens, as duas protagonistas surgem no imaginário mítico vestidas de sol, gloriosas, de forma a iluminar, clarear, provocar a lucidez e, ao mesmo tempo, ofuscar e cegar. Serão observadas as peças *Medeia*, de Eurípides, e, do grupo Mayombe, *A pequenina América e sua avó Sifrada de escrupulos*. Também faremos breves incursões a uma pequena farsa de Ariano Suassuna, *Uma mulher vestida de Sol* e ao *Apocalipse*.

**Palavras-chave:** Mulher. Medeia. Bíblia.

**Abstract:** We will discuss in this article two opposite and complementary myths: the filicida and the mother of the Virgin-Mother, from observation of the primacy of rewritten reclaimers of the myth of Medea in Brazilian literature and popular and literary taste by the biblical myth of the Virgin-Mother. Paradoxes in itself, both in the masculine world show myths, the absurdity of American female, namely, figure that that generates and kills and one that generates nothing in order to generate a short circuit. The Virgin-mother is "Lady of these people so suffered small and Patron/oppressed". Medea, as mother, see the nuisance that are the children and eliminates them from its trajectory. In both approaches, the two protagonists appear in the imaginary mythical dressed in glorious sunshine to brighten, whiten, cause the lucidity and, at the same time, obfuscate and blind. Will be observed the *Medea*, by Euripides, and the Mayombe, *A pequenina América e sua avó Sifrada de escrupulos*. Also we will make brief forays into *Uma mulher vestida de Sol*, by Ariano Suassuna, and the book of *Revelations*.

**Keywords:** Women. Medea. Bible.

A metáfora é a transferência de uma palavra que pertence a outra coisa, ou do gênero para a espécie ou da espécie para o gênero ou de uma espécie para outra por analogia (Aristóteles, *Poética*, 1457 b, 6-9).<sup>1</sup>

Para Leda, uma grande mulher...

Nesta proposta pretendemos observar a metáfora da mulher “vestida de sol” e aplicá-la tanto à Medeia da mitologia grega quanto à Virgem-Mãe-Maria do cristianismo. Entendemos que nosso propósito tem um espectro largo e ambicioso. Não queremos frustrar o leitor, pois, embora as figuras escolhidas, a neta do deus sol<sup>2</sup> e a mãe do deus “luz do mundo”,<sup>3</sup> possam



conduzir a uma vastidão de caminhos, aqui vamos nos concentrar em uma só sugestão visual: a luz do sol, entendido como o antigo deus grego *Helios*, como o astro celeste que nos aquece ou mesmo como uma simples metáfora.

Na luz solar advinda dos estudos da mitologia, da astronomia ou da literatura, sabemos todos, estão contidas todas as cores – as que distinguimos e as que não percebemos; pelo menos é o que a física nos permitiu entender com os fenômenos de refração e difração. Fique claro, por conseguinte: não queremos iludir ninguém; estaremos entre o vasto e o pontual. A largueza da faixa de abordagem será projetada, apenas. Assinalo pontos esperando que o leitor os una escrevendo ele próprio um percurso que lhe seja mais razoável.

O primeiro ponto de análise por onde se estabelece essa reflexão é origem para uma espiral que cresce em largura e profundidade. Fundo-me em dois recursos da linguagem retórica e poética, dois eixos que considero principais: a figura de pensamento intitulada paradoxo, do grego, “o que fere o raciocínio”, e a figura de linguagem nomeada metáfora, isto é, “transferência” de sentido das palavras, movimento de sentido, dinamismo de entendimento. Estaremos, portanto, lidando com a eloquência e a poesia.<sup>4</sup>

Além dessas duas bases, a metáfora e o paradoxo, outros textos, como sói acontecer nos estudos literários, hão de dialogar conosco. É o que se pode depreender do título que dei a esse ensaio e da metáfora que escolhi para ele, “uma mulher vestida de sol”, expressão retirada do *Apocalipse de João*, obra escrita em uma mistura de hebraico, aramaico e grego que se insere em um gênero literário bastante antigo e que se constitui pela expectativa de ouvir um enunciador que vê imagens e as descreve.

Vejamos, então. O sintagma “Vestida de sol” ocorre no livro do *Apocalipse* quando o conflito entre o bem e o mal atinge seu ápice, o capítulo 12, v. 1-6, que tem sido compreendido como o centro de toda a narrativa, o lugar onde se encontra sua chave de leitura. O trecho é o seguinte:

E viu-se um grande sinal no céu: uma mulher vestida de sol e a lua debaixo dos pés dela e sobre a cabeça dela uma coroa de doze estrelas; e ela, pejada de ventre e, dolorosa, grita atormentada para parir. E viu-se outro sinal no céu, vê pois: um grande dragão esfogueado que tem sete cabeças e dez chifres; nas as cabeças dele sete diademas e a cauda dele varre um terço das estrelas do céu; assim lançou-as para a terra. E, frente à mulher a ponto de parir, ficava o dragão para que, no que ela parisse, ele comesse o fruto dela. Então ela pariu um filho homem, o qual há de apascentar todas as gentes com cetro de ferro; e o fruto foi dela arrebatado para junto de Deus e do trono dele. E a mulher fugiu para o deserto, onde tem ali um lugar que foi preparado por Deus, lá mesmo, por mil duzentos e sessenta dias, a alimentarem.<sup>5</sup>

Como se pode notar, a tradução proposta tentou preservar o estilo da narrativa grega, caracterizado como extraordinário, mas também bizarro e inadequado do ponto de vista gramatical (CALLAHAN, 1995, p. 454), apresentando, inclusive, anomalias nas sequências dos tempos verbais (no trecho, marcadas em itálico). Segundo Biguzzi, todas essas anomalias são marcas que distinguem o tempo de Deus do tempo da narrativa ou do tempo do homem que fala; Biguzzi afirma também que essas marcas sugerem que o futuro de Deus é tão certo que pode ser expresso como passado (2003, p. 392); desse modo, o período presente é a época do



confronto final entre Deus e o inimigo que já agora foi vencido (PRIGENT, 1993, p. 208). Mas o que nos interessa mais de perto é a imagem de mulher<sup>6</sup> surpreendentemente vestida de luz, fecunda, de pé sobre a lua e coroada de estrelas, que já em seu contexto imediato viria a se tornar a metáfora de um povo sofredor e perseguido. (PRIGENT, 1993, p. 213)

Alargando o raciocínio de Biguzzi (2003, p. 398), que afirma serem esses estranhos predicados os indicadores da “vocalização” dessa “Mulher do Apocalipse”, postulo não apenas que a figura dela seja entendida como manifestação da natureza feminina, mas ainda que a sua utilização é, de acordo com a teoria aristotélica da metáfora (*Poética*, 1457b 25-26) e ainda com Paul Ricoeur (2000, p. 37), uma forma de preencher um vazio semântico. No caso que focalizamos, ela vem para suprir o vácuo semântico gerado para relatar um fato paradoxal: viu-se uma mulher que está no céu, mas igualmente na terra, enfrentando um dragão que, como ela, estava no céu e, depois de jogar as estrelas na terra, é lançado, como as estrelas, para o chão. Pois bem, o poder dessa metáfora, para além de definir o feminino, atinge não somente o poético; ele alcança os limites do político ao descrever uma mulher que é ao mesmo tempo perseguida e preservada (PRIGENT, 1993, p. 205). Esse alcance político será recuperado na ocasião em que a América Latina nasce para a Europa. Para sustentar essa linha de pensamento, apoio-me em dois testemunhos históricos: uma carta e um pequeno tratado. A carta é de Cristóvão Colombo e o tratado, de Pedro Nunes.

Quando alcançou as terras do continente que hoje chamamos América do Sul em sua terceira viagem, Colombo escreveu para o rei de Espanha citando, em vários trechos, o *Apocalipse*. Entre as expressões recuperadas, ele fala de “um novo céu e uma nova terra” ainda escondidos.<sup>7</sup> Igualmente, o cosmógrafo português Pedro Nunes serviu-se de expressões dessa narrativa bíblica no seu *Tratado em defesa da carta de marear* (1537), no qual ele afirma que viu “[n]ovas ilhas, novas terras, novos mares, novos povos; e, acima de tudo um novo céu e novas estrelas”. A título de relato, Nunes e seu chefe de pilotos, o mestre João, vão enviar esse estudo com descrições precisas da posição do sol nas terras descobertas para o monarca português. O texto ecoa o *Apocalipse*, em que se lê, literalmente, “vi um novo céu e uma nova terra” (21, v. 1 και εἶδον οὐρανὸν καινὸν καὶ γῆν καινὴν).

Ora, nosso raciocínio põe em conjunto, nesse momento, a mulher vestida de sol e a descoberta das Américas, terras que, de certa forma, no pensamento europeu, passaram a ser interpretadas como a Nova Jerusalém do livro da *Revelação*, o *Apocalipse*. Entretanto, que fique claro, não tratarei de decifrar enigmas senão para justificar a metáfora “mulher vestida de sol”. Essa imagem, por sua vez, remete a uma outra mais primitiva, que ocorre em textos muito mais antigos da literatura ocidental; Hesíodo, nesse caso, é paradigmático. Para o rapsodo grego, na *Teogonia*, a deusa mítica Gaia é a terra de peito largo, sustento de todos, sempre firme (v. 117 – Γαῖ ἑρύσσεινος, πάντων ἔδος ἀσφαλὲς αἰεὶ).

No poema hesiódico e em toda a fortuna literária herdada dos antigos, chamar a terra de mulher ou de mãe é já um modelo surrado; recorde-lhes apenas Édipo/ Jocasta/ Terra e ver-se-á a amplitude e a recorrência da metáfora. De fato, como afirma Jorge Luis Borges nas conferências proferidas em Harvard entre 1967 e 1968, “algumas metáforas, ainda que bem diferentes quanto à imaginação, são quase as mesmas para o pensador lógico.”<sup>8</sup> É o caso de “Gaia de seios grandes”, como a vê Hesíodo. Esse recurso, conquanto recorrente, desgastado e em alguns aspectos, aparentemente, esgotado, continua para alguns fresco e novo. É assim que a metáfora antiga brota com força na última peça do *Mayombe Grupo de Teatro*, intitulada *A pequenina América e sua avó Sifrada de escrípulos*.<sup>9</sup> Em ambos os textos, tempos e espaços



enormemente diversos se sustentam nesse arquétipo mítico ancestral. N' *A Pequena América*, as palavras de abertura são:

A África era uma mulher enorme, de seios enormes, de uma força incalculável. Um corpo grande [...]  
Recebeu a América em seus braços porque tinha de fazê-lo. África, tendo-a nos seus braços, beijou-a na boca e lhe disse: dorme, que a noite é negra. É tudo o que sei. E as duas dormiram, durante anos. [...] Elas dormiram abraçadas, foram acordando aos poucos, mas não conseguiram nunca mais se desligar.<sup>10</sup>

Pois bem, essa metáfora mulher-terra rege a orquestração de todo esse nosso pensamento. Mas não é de qualquer mulher-terra que falamos; ao evocar aqui terra e mulher, pensamos naquela que surge, pela interpretação de Colombo e Pedro Nunes, apocalíptica, redentora, *vestida de sol*.

Entretanto, não há como falar do movimento metafórico “vestida de sol” se não tocarmos, ainda que ligeiramente, no nome que acolhe o atributo estudado. A figura da mulher na literatura hebraica bíblica – e também na literatura grega – só é valorizada na medida em que essa mesma mulher se cala e se apaga em função do homem. Desse modo, reafirma-se o antigo provérbio registrado na tragédia *Ajax* de Sófocles (v. 293): γυναιξὶ κόσμον ἢ σιγῇ φέρει, ou seja, é o silêncio que dá encanto para as mulheres. O orador Tucídides (2, 45), um pouco mais exigente, afirma que, para elogiar uma mulher, a brevidade é melhor.

Com a literatura bíblica não é diferente; observe-se, por exemplo, que na estrutura patriarcal das genealogias hebraicas, as mães não são sequer mencionadas. No evangelho de Mateus, a referência a cinco mulheres na extensa genealogia de Jesus (que começa em Abraão) é um problema teológico amplamente debatido. Nessa passagem, são citadas a prostituta Raab; Batsheba (Betsabá), a mulher de Urias; Tamar; Rute e Maria, a mãe de Jesus, uma de nossas protagonistas neste artigo, aquela para quem o catolicismo toma as palavras do *Apocalipse*, interpretando-a como prefiguradora da Igreja de Cristo. Sobre o caso, Smit (2010, p. 192) afirma que: “This has been noticed by a long tradition of scholarship that has produced a number of interpretative strategies, explaining both the occurrence of Mary and the occurrence of the four other women.”

De fato, é curioso perceber que o narrador abriu espaço para menção na genealogia de Jesus de heroínas atípicas: uma prostituta, duas estrangeiras (em relações ilegítimas com seus parceiros, mas com suas efetivas atuações políticas) e Maria, com sua gravidez inesperada e paradoxal. Em contrapartida, para elas veem-se, à exceção de José, parceiros adúlteros, fracos ou pelo menos falíveis.<sup>11</sup> Mateus, portanto, para angústia de muitos, coloca em destaque cinco mulheres; a uma delas, conforme os argumentos de Smit no artigo citado, confere privilégios e cores sobremaneira luminosas. A mulher em destaque, para Mateus, é Maria, a mãe de Jesus. Diga-se de passagem que Maria aparece pouquíssimo nos relatos evangélicos, há em torno da figura dela um silêncio respeitoso.

Retomemos a metáfora que, como todas as demais, se insere na ordem conceitual constituída e provoca um “curto-circuito”<sup>12</sup> ocasionando desvios que vão gerar uma nova ordenação.<sup>13</sup> Ora, o trecho referido, no qual se lê a expressão “*uma mulher vestida de sol*”, entre os católicos – religião que me é mais familiar – refere-se, popularmente, à Virgem-mãe Maria, símbolo da Igreja, que gera a vida divina e esmaga o dragão. Aqui, novamente, Mateus dá destaque a essa mulher virgem e mãe.



Por esse processo estamos em condições de compreender que vestir uma mulher de sol e dar-lhe destaque é uma situação incômoda para os antigos, a menos que se o faça com o enfoque político, para demonstrar a riqueza de um povo ou de um rei com sua consorte real. Nessa situação, a junção metafórica mulher-vestida-sol tem uma interpretação imediata que se pode vislumbrar numa mulher como, talvez, a rainha Ester na corte dos persas. Ela aparece ricamente vestida e adornada de ouro propositalmente, para ofuscar todas as demais e encantar Artaxerxes.

No mundo grego, duas mulheres famosas poderiam nos servir de exemplo e carregar a expressão “vestida de sol”: Atossa, a soberana persa da tragédia de Ésquilo, mulher forte, mãe da raça dourada descendente da chuva de ouro derramada por Zeus em Dânae;<sup>14</sup> e Medeia, a que nos ocupa mais de perto, a outra protagonista de essa análise, a grande e poderosa princesa colca descendente direta do sol que se une a Jasão, gera duas crianças e as mata após o abandono do companheiro.

Medeia, para Johnston (1997, p. 44-70), está ligada ao antigo culto de Hera Akraia, a grande deusa-mãe capaz de gerar e matar. Poderia também ligar-se a Hécate ou Demeter. Nosso objetivo, porém, não será o mundo antigo. Para esse mito da mãe terrível temos, na América Latina, uma correspondente: a deusa asteca Tonantzin, figura feminina capaz de nutrir e exterminar os filhos dela nascidos. Medeia é, desde a tragédia euripídiana de mesmo nome, associada ao arquétipo da mãe assassina. O dado não é surpresa; afinal, para os gregos, o gênero feminino é estorvo, é Pandora, é Jocasta e Clitemnestra. Assim se refere a ele Hipólito, o filho da Amazona:

ὦ Ζεῦ, τί δὴ κίβδηλον ἀνθρώποις κακὸν γυναῖκας ἐς φῶς ἡλίου κατώκισας; εἰ γὰρ βρότειον ἤθελες σπεῖραι γένος, οὐκ ἐκ γυναικῶν χοῆν παρασχέσθαι τόδε...	Ô Zeus, por que as mulheres – esse falso mal – com os homens puseste a habitar sob a luz do sol? Querias semear a raça humana, mas, para isso, não carecia lançar mão de mulheres... (EURÍPIDES, <i>Hipólito</i> , 616 ss.)
---	---

Mães-Medeias vivem ainda hoje e têm fama nos noticiários, nas escolas, nos consultórios de psiquiatria, onde surgem como fato, sina ou doença. São mães assassinas de forma real ou mesmo simbólica, mulheres que mergulham num sentimento de abandono (sexual, familiar, amoroso) ou numa experiência vívida de menosprezo ou rivalidade no âmbito doméstico e que são levadas à vingança ou a uma frustração extrema no desempenho da função materna no que diz respeito à proteção da cria. Assim, elas optam pela amputação do outro.

Um dado cultural curioso, entre nós, é que, dos mitos trágicos retomados na cena contemporânea brasileira, Medeia é um dos prediletos.<sup>15</sup> Em Portugal e no resto da Europa, recuperam-se Helena, Cassandra, Antígona. Nos trópicos, contudo, Medeia é muito comum, é um desejo de vitória, é “a volta do cipó de aroeira no lombo de quem mandou dar”, é expressão do poder feminino. Uma mulher vestida de sol, de soberania e valor, com o poder de decidir a vida e a morte. Essa veste ensolarada do feminino é uma faceta da luz do sol: aquela que queima, arde e cega. Excesso de luz que reprime a visão.

A América inserida no contexto do *Apocalypse* talvez fosse assim; nós, porém, acreditamos que seu ouro não se acha tanto nas vestes quanto nas entranhas... Ou estaria ele também nos



vestidos e na superfície? Na peça do Grupo Mayombe, a América não vem de vestido dourado... Onde fica seu esplendor? Temos pronta resposta na descoberta da diferença e na assunção de sua própria identidade.

Desse modo cremos que se estabelece outra interpretação possível para a metáfora “vestida de sol”; trata-se de ver uma mulher que tem o sol em sua própria pele; hipótese que não nos parece descabida, pois, em outra alegoria bíblica, vemos o feminino assim descrito. Falamos do *Cântico dos Cânticos*, com o controvertido versículo 5 do capítulo 1 (Ct 1, v. 5-6): “sou negra e bonita, filhas de Jerusalém [...] não vos incomodeis se sou morena, se o sol me tisonou...”<sup>16</sup>

Fechemos o ciclo de metáforas: a mulher-terra, a mulher vestida de sol (opulência e cor); fechemos também as intertextualidades: a mulher do *Apocalipse* e a descoberta da América. O sinal surgido no céu de um novo mundo talvez fosse uma mulher vestida de sol que, por antítese ao mito antigo da mãe-terra terrível, gera a vida e esmaga o mal.

A segunda interpretação suscitada, nas Américas, gera sincretismos fecundos. A religiosidade mexicana forjará a Senhora de Guadalupe, uma mistura de Imaculada Conceição e da grande mãe asteca Tonantzin; mistura harmônica entre o colonizador implacável e o colonizado. Rebelia e submissão na virgem que possibilita a encarnação do divino; a religiosidade brasileira recordará a negra Senhora Aparecida, uma Imaculada Conceição escurecida ou quiçá Iemanjá saída das águas. São, todas elas, mães, morenas, estrangeiras e nativas, senhoras da América Latina.

Ariano Suassuna, em sua tragédia *Uma mulher vestida de sol* (1947), reúne as figuras de Medeia e da virgem-mãe Maria. A peça do paraibano inicia e termina com as palavras do *Apocalipse* traduzidas da seguinte maneira: “E viu-se um grande sinal no Céu, uma Mulher Vestida de Sol, que tinha a Lua debaixo dos seus pés, e uma Coroa de doze Estrelas sobre a sua cabeça; e, estando prenhada, clamava com dores de parto, e sofria tormentos por parir.”<sup>17</sup>

A história de Suassuna apenas tangencia o mito grego, mas é trágica: um coronel, Joaquim Maranhão, enciumado pelo amor de Rosa, sua filha, por Francisco, mata-o. A jovem, que está grávida do rapaz, ao saber que seu pai matou o pai de seu filho, trama a morte dele e entrega-o nas mãos de Antônio Rodrigues, inimigo de Joaquim, pai de Francisco. Antônio, que cultivava uma rivalidade antiga com o coronel em virtude de terras antes invadidas, mata-o também. Rosa, após o crime, mata-se (com o filho no ventre, mata, assim, também o filho). Ao fim da história, “junto ao corpo de Rosa, aparece a figura de Nossa Senhora, com os braços abertos como se estivesse a envolvê-la com sua infinita piedade.”<sup>18</sup> A peça, como informamos, termina com as palavras do *Apocalipse* e materializa uma das metas do dramaturgo, que, no prefácio da obra, afirma: “Continuarei a acreditar sempre que, em arte, a ideia de ‘harmonia’ tem que ser aprofundada até a união dos contrários...”<sup>19</sup> E as mulheres contrárias – a assassina e a redentora – se fundem em uma só.

É tempo agora de abordar a figura de pensamento que nos dirige, o paradoxo que fica claro a partir da antítese que escolhemos no título. Medeia e a Virgem-Mãe Maria. Dois absurdos: aquela, que com sua face sombria e totalitária advinda de uma antiga divindade feminina, gera para matar e aquela outra que, sendo gente comum, mulher virgem,<sup>20</sup> é também mãe de uma divindade. Ela própria, outro absurdo, não chega a ser deusa-mãe, mas é tão-somente mãe da divindade.<sup>21</sup>



Medeia, constituída a partir do poder, se coloca na disputa, na repressão, na neutralização do outro e é por isso mesmo essencialmente autocentrada; a virgem-mãe se coloca num lugar de fronteira ou numa espécie de fusão de condições opostas, de incorporações de diferenças, lugar onde se encontram o dominador e o subjugado.

O entendimento apocalíptico e paradoxal da mulher é por certo um recurso dialético, uma alternativa para construir a América como o lugar do feminino. Quer intelectualmente, nas reapropriações do mito grego, quer no enfrentamento do sofrimento cotidiano imposto, Medeia surge escandalosamente. Todavia, à margem, silenciosamente, o mito da Virgem-Mãe Maria palpita nas veias latinas, seja na representação de Guadalupe, Aparecida, na Senhora do Rosário e na Senhora do Carmo, em Oxum, Iansã, Iemanjá. Mulheres fortes, guerreiras, mas doces e serenas, participantes ativas e anônimas, sem realeza, surgidas dos oprimidos.

Nesse emaranhado de metáforas e paradoxos, concluímos que, malgrado as chagas deixadas pela violência, a opressão dos conquistadores teve também consequências positivas. Gerou na América Latina uma sensibilidade expressiva para o feminino, que aparece em várias instâncias, até mesmo no desenvolvimento teórico e acadêmico, o qual, diferentemente do proceder europeu (que parte do teórico para o prático), latinamente se dá, muito ordinariamente, da *práxis* para a *theoria*, da intuição, do paralógico para o que será sistematizado e analisado posteriormente. Mesmo os homens, machos latinos, são marcados pelo sofrimento da submissão feminina. Criados em grande parte sem a figura paterna, em seu comportamento mais genuíno eles são também femininos – Oxumaré – e reproduzem o que receberam de suas mães, avós, tias, irmãs, professoras. Foram criados no “Brejo da Cruz”, como diz Chico Buarque, em homenagem a estes que não têm o nome paterno para herdar e são os filhos de Jesus, dos Anjos, da Glória, da Conceição. Mulheres antitéticas e paradoxais, que poder é esse da nova-mãe-terra-América no mundo, que será ela, Medeia, Nanã ou Virgem-mãe-Maria, Iemanjá? “Quem é essa que tem o olhar da Aurora, bela como a Lua, brilhante como o Sol, terrível como o que é insigne?”<sup>22</sup>

Que cada um opte; cremos, porém, que o lugar mais forte de decisão, o lugar da escolha pela vida ou pela morte do que poderá ser gerado está nas mãos, agora, do feminino que brilhou no céu do novo mundo. Sua fraqueza de marginal oprimida é, na verdade, a sua maior força.

-----

\* **Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa** é professora Universidade Federal de Minas Gerais e sub-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UFMG. Traduziu (com comentários verso a verso) *Ícneutas de Sófocles* e produziu (em coautoria) *Íliada de Homero em quadrinhos*. É coorganizadora do livro *Pescando imagens com rede textual: HQ como tradução* e do livro *Ensaio sobre Mário de Carvalho*.

---

## Notas

<sup>1</sup> Em tradução de Ana Maria Valente.

<sup>2</sup> EURIPIDES, *Medeia*, v. 746-747.

<sup>3</sup> Cf. Mateus 5:14; 17:2.



<sup>4</sup> Cf. RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Trad. de Dion Davi Macedo São Paulo: Edições Loyola, 2000. p. 23, 29, 30.

<sup>5</sup> Tradução nossa de: Καὶ σημεῖον μέγα ὤφθη ἐν τῷ οὐρανῷ, γυνὴ περιβεβλημένη τὸν ἥλιον, καὶ ἡ σελήνη ὑποκάτω τῶν ποδῶν αὐτῆς, καὶ ἐπὶ τῆς κεφαλῆς αὐτῆς στέφανος ἀστέρων δώδεκα, καὶ ἐν γαστρὶ ἔχουσα, καὶ κράζει ὠδίνουσα καὶ βασανιζομένη τεκεῖν. Καὶ ὤφθη ἄλλο σημεῖον ἐν τῷ οὐρανῷ, καὶ ἰδοὺ δράκων μέγας πυρρός, ἔχων κεφαλὰς ἑπτὰ καὶ κέρατα δέκα καὶ ἐπὶ τὰς κεφαλὰς αὐτοῦ ἑπτὰ διαδήματα, καὶ ἡ οὐρὰ αὐτοῦ σύρει τὸ τρίτον τῶν ἀστέρων τοῦ οὐρανοῦ, καὶ ἔβαλεν αὐτοὺς εἰς τὴν γῆν. Καὶ ὁ δράκων ἔστηκεν ἐνώπιον τῆς γυναικὸς τῆς μελλούσης τεκεῖν, ἵνα ὅταν τέκη τὸ τέκνον αὐτῆς καταφάγη. Καὶ ἔτεκεν υἱὸν ἄρσεν, ὃς μέλλει ποιμαίνειν πάντα τὰ ἔθνη ἐν ῥάβδῳ σιδηρᾷ· καὶ ἠρπάσθη τὸ τέκνον αὐτῆς πρὸς τὸν θεόν καὶ πρὸς τὸν θρόνον αὐτοῦ. Καὶ ἡ γυνὴ ἔφυγεν εἰς τὴν ἔρημον, ὅπου ἔχει ἐκεῖ τόπον ἡτοιμασμένον ἀπὸ τοῦ θεοῦ, ἵνα ἐκεῖ τρέψωσιν αὐτὴν ἡμέρας χιλίας διακοσίας ἐξήκοντα.

<sup>6</sup> A imagem parecer ser uma retomada tanto de Isaías, 26: 17 quanto do mito de Leto, mãe de Apolo e Ártemis que, durante o trabalho de parto, fuge do dragão Pítton. A história de Leto está completa no Hino Homérico a Apolo (essa última hipótese foi duramente criticada por PRIGENT, 1993, p. 209-210; 218-220. Pierre Prigent cita como fonte do trecho *O testamento de Neftali* 5, 3-4 e o Evangelho de João, 16:19-21).

<sup>7</sup> COLOMBO, Cristóvão. *Letters of Christopher Columbus: four voyages to the New World*. R. H. Major (Wd.), London: Hakluyt Society, 1847. Cf. também HARRINGTON, Patricia. Mother of Death, Mother of Rebirth: The Mexican Virgin of Guadalupe. *Journal of the American Academy of Religion*, v. 56, n. 1, Spring, 1988, p. 27; SEED, Patricia. *Cerimônias de posse na conquista europeia do novo mundo (1492-1640)*. Trad. Lenita Esteves. São Paulo: Ed. Unesp, 1999. p. 144.

<sup>8</sup> Sobre “modelo surrado de metáfora” ver BORGES, J. L. Metáfora. In: \_\_\_\_\_.

*Esse ofício do verso*. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 32.

<sup>9</sup> Dramaturgia de Éder Rodrigues, Marcos Coletta e Marina Viana. Texto dramático que reúne fragmentos de memória não só da América Latina, mas dos corpos que vivem desde sempre sob a luz do sol, sua fonte de inspiração foi um conto de Gabriel García Márquez, “A incrível e triste história de Cândida Erêndira e sua avó desalmada”.

<sup>10</sup> Tradução nossa para: A África era una mujer enorme, de senos enormes, de una fuerza incalculable. Un cuerpo grande [...]. Recibió América en sus brazos porque tenía que hacerlo. [...] África, teniéndola en sus brazos, la besó en la boca y le dijo: duerme que la noche es negra. Es todo lo que sé. Y las dos durmieron, durante años. [...] Elas dormiram abraçadas, foram acordando aos poucos, mas não conseguiram nunca mais se desligar.





<sup>11</sup> Cf. MAYORDOMO citado por SMIT, Peter-Ben. Something about Mary? Remarks about the five women in the Matthean genealogy. *New Testament Studies*. Cambridge. v. 56, 2010. p. 202.

<sup>12</sup> Expressão retirada de Paul Ricoeur em *Metáfora viva*, p. 46.

<sup>13</sup> Cf. RICOEUR, 2000, p. 40.

<sup>14</sup> ἄλλ' ἦδε θεῶν ἴσον ὀφθαλμοῖς      Mas surge, à vista, igual aos deuses,  
φάος ὀρμαῖται μήτηρ βασιλέως,      Uma luz: a mãe do rei,  
βασίλεια δ' ἐμή: προοσπίτνω:      Minha rainha... eu me prostro...

<sup>15</sup> Comprovando que a reescrita do mito de Medeia na literatura e dramaturgia brasileira é significativa, apontamos algumas: *Além do rio*, de Agostinho Olavo; *Anjo negro*, de Nelson Rodrigues; *Gota d'água*, de Paulo Pontes e Chico Buarque; *Desmedeia*, de Denise Stoklos; *Medeizonamorta*, de Letícia Andrade, só para enumerar alguns nomes.

<sup>16</sup> Algumas traduções preferem: “sou negra mas bonita, filhas de Jerusalém [...] não vos incomodeis se sou morena, se o sol me tisonou...”.

<sup>17</sup> SUASSUNA, Ariano. *Uma mulher vestida de sol*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006. p. 37; 194.

<sup>18</sup> Rubrica da última cena. SUASSUNA, 2006, p. 194.

<sup>19</sup> SUASSUNA, 2006, p. 26.

<sup>20</sup> Cf. Isaías 7:14.

<sup>21</sup> PAGELS, Elaine H. What Became of God the Mother? Conflicting Images of God in Early Christianity. *Signs*, v. 2, n. 2, Winter, 1976. p. 293.

<sup>22</sup> Cântico dos cânticos 6:10.

## Referências

ALMEIDA, Sandra. R. G. . O estrangeiro, o moderno e a ação humana: as literaturas estrangeiras em tempos de pós e muito mais. *Conexão Letras*, v. 3, p. 91-102, 2008. Disponível em: <<http://www.msmidia.com/conexao/3/cap9.pdf>>.

ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. e comp. Eudoro de Sousa. Lisboa: Casa da Moeda, 1992.

ARISTÓTELES. *Poetics*. Introd., comm. and appendices by D. W. Lucas. Oxford: Clarendon Press, 1968.

ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. e com. Ana Maria Valente. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.

ARISTÓTELES. *Retórica*. Trad. M. Alexandre Júnior, P. Farmhouse Alberto, A. do N. Pena. Lisboa: Casa Nacional da Imprensa, 1998.

BÍBLIA. Tradução ecumênica (TEB). São Paulo: Edições Loyola, 1994.

BIGUZZI, G. A figurative and narrative language grammar of *Revelation*. In: *Novum Testamentum*, v. 45, fasc. 4, p. 382-402, 2003.



- BUARQUE, Chico. Brejo da Cruz. In: *Chico Buarque: 1984*. Gravadora Barclay/Polygram/Philips, 1983.
- CALLAHAN, Allen Dwight. The Language of Apocalypse. In: *The Harvard Theological Review*, v. 88, n. 4, p. 453-470, 1995.
- COLOMBO, Cristóvão. *Letters of Christopher Columbus: Four Voyages to the New World*. R. H. Major (ed.), London: Hakluyt Society, 1847.
- CYRINO, Monica Silveira. When Grief Is Gain: The Psychodynamics of Abandonment and Filicide in Euripides' "Medea". *Pacific Coast Philology*, v. 31, n. 1, p. 1-13, 1996.
- HARRINGTON, Patricia. Mother of Death, Mother of Rebirth: The Mexican Virgin of Guadalupe. *Journal of the American Academy of Religion*, v. 56, n. 1, p. 25-50, Spring, 1988.
- HICK, John. *A metáfora do Deus encarnado*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.
- JOHNSTON, Sarah Iles. Corinthian Medea and the Cult of Hera Akraia. In: CLAUSS, James J.; JOHNSTON, Sarah Iles (Org.) *Medea*. Princeton: Princeton University Press, 1997. p. 44-70.
- NOVUM TESTAMENTUM GRAECE ET LATINE. E. Erwin Nestle et D. Kurt Aland (Ed.). Stuttgart : Württembergische Bibleanstalt Stuttgart, 1962.
- OLIVEIRA, José Fernandes de. (Pe. Zezinho, SCJ). Mãe do Céu Morena. In: *Qualquer coisa de novo*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- PAGELS, Elaine H. What Became of God the Mother? Conflicting Images of God in Early Christianity. *Signs*, v. 2, n. 2, p. 293-303, Winter, 1976.
- PRINGENT, Pierre. *O Apocalipse de São João*. Tradução Luiz João Baraúna. São Paulo: Edições Loyola, 2002. p. 207-232.
- RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Trad. de Dion Davi Macedo São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- SEED, Patricia. *Cerimônias de posse na conquista europeia do novo mundo (1492-1640)*. Trad. Lenita Esteves. São Paulo: Ed. Unesp, 1999.
- SMIT, Peter-Ben. Something about Mary? Remarks about the five women in the Matthean genealogy. *New Testament Studies*. Cambridge, v. 56, p. 191-207, 2010.
- SOPHOCLES. *Fabulae*. H. Lloyd-Jones e N.G. Wilson (Ed.). Oxford: Oxford University Press, 1990.
- SOUZA, Alexandro. Boa metáfora, má metafísica: Jesus de Nazaré e as várias faces do real. *Cogitationes*, Juiz de Fora, ano I, n. 2, p. 67-78, 2010.
- SUASSUNA, Ariano. *Uma mulher vestida de sol*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.
- TUCIDIDES. *Historia de la Guerra del Peloponeso*. Madrid: Aliança Editorial, 2008.